

Visualidades no Teatro de Formas Animadas: à guisa de apresentação

A presente edição da *Revista Móin-Móin* tem como tema: “Visualidades no Teatro de Formas Animadas”. Visualidades são compreendidas como poéticas que se manifestam a partir de múltiplas referências e nessa direção, o espectador é seu partícipe e construtor. Como afirma a professora artista Blanca Felipe Rivero: “Visualidade é algo que se sente e não concorre unicamente com o que vemos na cena, mas ao ‘eu coletivo’ da identidade de uma poética, que completa e cunha essa materialidade. Essa que deixa marcas no espectador e o faz regressar, uma ou outra vez, na busca do prazer necessário”¹.

Entre as principais motivações que determinaram a escolha do tema, reside o desafio de aprofundar as reflexões sobre a cena contemporânea e a sua multiplicidade de expressões, diferentes modos de pensar e praticar as artes do Teatro de Formas Animadas.

¹ RIVERO, Blanca Felipe. La visualidad como identidad de una poética teatral. In: *Tablas – La Revista Cubana de Artes Escénicas*. La Habana, 2008. Volumen LXXXIX.

Estas são algumas questões que provocaram a reunião dos textos que compõem a *Móin-Móin* n° 12: o que entendemos por visualidades? Como se dá a construção de visualidades? Como as visualidades se materializam na cena? Ela ocorre unicamente a partir do que se vê? Qual a sua relação com o espectador?

A ideia é discutir o tema “visualidades” prioritariamente em duas perspectivas. A primeira diz respeito aos elementos constitutivos da encenação teatral tais como o espaço, o cenário, o figurino, a iluminação, o desenho e a manipulação dos bonecos, dos objetos e das formas animadas; também se incluem nessa perspectiva as sonoridades que remetem ou sugerem contextos, ambientes e geografias; os recursos tecnológicos e midiáticos cada vez mais presentes na cena. A segunda perspectiva, indissociada da primeira, pretende abordar visualidades para além de um conjunto integrado e harmônico de imagens. Interessa discutir o conceito ampliando-o para a dimensão de “sensorialidades”, contemplando as ambiguidades produzidas pelas associações, memórias e inusitadas formas de conhecimento presentes em manifestações teatrais contemporâneas.

Ao pensar sobre visualidades, é quase impossível deixar de se remeter às iniciativas das vanguardas históricas do princípio do século XX e suas formulações, desafios e iniciativas cênicas. Aliás, diversos artigos aqui reunidos recorrem às ideias que marcaram a referida época. Isso ocorre, sobretudo, para contextualizar o período em que se iniciam ações que marcam um novo modo de criar e de fazer teatro, no qual pautas predominantes, como a lei das três unidades e a supremacia do texto literário, são abandonadas e dão lugar a um teatro poético. Esse fazer é compreendido como lugar em que os signos teatrais têm igual importância na combinação e criação de uma atmosfera própria, singular, e se instala o que se denomina de poesia teatral. Esta mesma época é marcada pelo crescente interesse de dramaturgos e encenadores pela marionete. A marionetização do ator, a substituição do ator por bonecos, por formas, o uso de objetos são discussões que animam a produção teatral. Tal interesse aparece de forma visível em duas direções: pela

marionete como referência para o comportamento do ator em cena e pelo teatro de marionetes como gênero artístico.

Desde então, as transformações efetuadas no Teatro e no Teatro de Formas Animadas possibilitam experimentações que vão desde a ruptura com a figura antropomorfa até o que se concebe como animação. E, nessa perspectiva, refletir sobre visualidades colabora para vislumbrar as múltiplas formas de construção da cena e suas complexas relações com o espectador.

Para estimular essa discussão, estão aqui reunidos 11 importantes pesquisadores e artistas estudiosos do tema. Seus artigos abordam visualidades sob diferentes perspectivas, evidenciando que o tema é complexo, necessitando de aprofundadas discussões.

A Revista abre com o artigo de **Didier Plassard**, pesquisador e professor na Université Paul Valéry – Montpellier III, França. Seus estudos se concentram sobre teatro moderno, contemporâneo e as relações do teatro com as outras artes. E segue com o artigo de **Blanca Felipe Rivero**, dramaturga, crítica teatral e pesquisadora na Universidad de las Artes, em Havana, Cuba. **Sonia Lucia Rangel**, artista visual, cênica e poeta, trabalha na Universidade Federal da Bahia – UFBA. A professora pesquisa temas como imaginário, teatralidade e processos de criação. **Amábilis de Jesus da Silva**, figurinista e professora na Faculdade de Artes do Paraná – FAP, em Curitiba, investiga e atua nas áreas de figurino, *performance*, teatro e dança. **Fátima Costa de Lima**, cenógrafa, pesquisa principalmente espaço cênico, alegoria, carnaval e teatro político. É professora no Programa de Pós-Graduação em Teatro da Udesc. **Wagner Cintra**, diretor teatral e professor no Instituto de Artes, da Unesp, pesquisa sobre teatralidades híbridas observadas na interface do teatro com as artes visuais. **Ana Maria Amaral**, diretora teatral, dramaturga e pesquisadora na Universidade de São Paulo – USP, é autora de diversos artigos e livros que ajudaram a criar uma nova maneira de ver o teatro de animação no Brasil. **Rafael Curci**, dramaturgo, diretor teatral e titereteiro, publicou diversos livros, dentre os quais se destaca *De los objetos y otras manipulaciones titiriteras*. **Catin**

Nardi, marionetista, ator-manipulador e diretor da Cia. Navegante Teatro de Marionetes, da cidade de Mariana – MG. **Yudd Favier**, crítica teatral, ensaísta, atua na Universidad de las Artes – Cuba com pesquisas sobre teatro para crianças e teatro de bonecos. A edição encerra com a entrevista com **François Delarozière**, diretor artístico da Cia. La Machine, em Nantes, França. O diretor se notabilizou por suas pesquisas sobre movimento em suas diferentes expressões e monumentais espetáculos de rua. Para a entrevista, contamos com a colaboração de **David Lippe**, músico, ator e encenador integrante da Cie. Animatière, sediada em Nantes.

Pretendemos, com a presente edição, que as discussões aqui apresentadas sobre este tema, ainda pouco discutido no Brasil, ampliem e enriqueçam nossas reflexões sobre as práticas contemporâneas do teatro e em especial do teatro de animação.

Valmor Níni Beltrame
UDESC

Gilmar A. Moretti
SCAR